ISSN: 2358-8829

FEIRA BILÍNGUE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO APRENDIZADO E USO DA LÍNGUA INGLESA NO AMBIENTE PEDAGÓGICO

Valéria Costa Nascimento [1]
Igor Aquino de Pinho [2]
Emanuela Correia de Lima [3]

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a Língua Inglesa configura-se como um dos principais idiomas da comunicação global, presente em áreas como tecnologia, negócios, turismo e educação. Nesse contexto, o contato com o inglês desde os primeiros anos da educação básica pode favorecer uma aprendizagem mais prática e significativa da segunda língua.

Entretanto, o inglês nem sempre ocupou essa posição. Originário do norte da Europa, o idioma ampliou sua influência ao longo da história por meio do contato com diferentes povos e culturas. Conforme destaca Pires (2002, p. 23), "a formação da língua inglesa é o resultado da invasão e colonização das Ilhas Britânicas por diferentes povos com línguas diferentes".

Com a consolidação do Império Britânico e seu projeto expansionista, a difusão do inglês intensificou-se, ampliando seu domínio econômico e linguístico em diferentes continentes. Nesse processo, a língua colonizadora buscou impor-se sobre as línguas colonizadas (Mariani, 2003, p.74). Ao longo de sua trajetória, o inglês também foi transformado pelo contato com diferentes matrizes culturais, como as germânicas, nórdicas, francesas e gregas. Pires (2002, p. 25) organiza essa evolução em quatro períodos: *Old English* (450–1066), *Early English* (1066–1250), *Middle English* (1250–1500) e *Modern English* (século XVI até a atualidade). Posteriormente, a ascensão dos Estados Unidos como potência econômica contribuiu para ampliar ainda mais a projeção internacional do idioma.

[1] Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Regional do Cariri – URCA, valeriacostanascimento@gmail.com;
[2] Mestre em Biblitoeconomia pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, igor.pinho@aluno.ufca.edu.br;
[3] Especialista em Ensino da Língua Inglesa da Universidade Regional do Cariri - URCA, manushallon@gmail.com;

Nessa perspectiva, os Estados Unidos têm exercido significativa influência linguística em diversas áreas do conhecimento, promovendo, sobretudo em países em desenvolvimento, a adesão a padrões culturais alinhados às suas características. Um exemplo dessa influência observa-se no ensino da Língua Inglesa como segunda língua nas escolas brasileiras, em detrimento de outros idiomas geograficamente mais próximos, como as línguas indígenas e o espanhol.

Dessa forma, as instituições de ensino têm adotado o inglês como principal referência no ensino de língua estrangeira, buscando estratégias eficazes para sua difusão, por meio de aulas dinâmicas, metodologias ativas e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação.

A partir desse cenário, delimita-se como recorte de pesquisa a Feira Cultural do 2º Colégio da Polícia Militar do Ceará, localizado em Juazeiro do Norte - CE, na região do Cariri cearense. Trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, que investiga os principais aspectos do uso da Língua Inglesa nesse evento escolar, dialogando com autores que discutem a relevância do ensino de inglês por meio de projetos pedagógicos interdisciplinares.

O objetivo deste estudo de caso consiste em analisar as práticas linguísticas e o engajamento dos alunos do referido colégio durante o evento “Feira das Nações”, realizado em 2025, considerando o uso desse idioma sob a ótica da Língua Franca. Justifica-se a realização desta pesquisa pela necessidade de avaliar como projetos integradores podem criar contextos reais de uso da língua em escolas da rede pública de ensino.

Diante desse panorama, este estudo busca responder à seguinte problemática: Como a realização de projetos integradores e interdisciplinares, a exemplo da Feira das Nações, pode fomentar práticas bilíngues e o uso real da Língua Inglesa entre estudantes da educação básica na rede pública de ensino?

2 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE

A Língua Inglesa (LI) consolidou sua influência mundial após a Segunda Guerra Mundial, impulsionada pela hegemonia norte-americana e substituindo gradualmente o francês no ensino brasileiro. Atualmente, as tecnologias digitais ampliam essa influência, exigindo um ensino que contemple não apenas aspectos gramaticais, mas também

dimensões culturais e tecnológicas. Nesse contexto, a LI constitui-se como elemento linguístico-identitário, contribuindo para a compreensão da própria língua materna.

Além de ampliar as competências linguísticas, o estudo de uma língua estrangeira contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, favorecendo a neuroplasticidade cerebral e retardando processos de demência, especialmente em indivíduos que mantêm contato bilíngue ao longo da vida (Ware *et al*., 2021).

Dessa forma, torna-se fundamental promover, desde a infância, oportunidades efetivas de aprendizagem de línguas estrangeiras, ampliando as capacidades culturais e sociais dos estudantes enquanto cidadãos globais, por meio de práticas pedagógicas eficazes, lúdicas e de iniciativas como feiras culturais e linguísticas nas escolas de educação básica.

Contudo, o ensino desse idioma não implica superioridade em relação a outras línguas, mas reconhece seu papel como facilitador da comunicação internacional, permitindo o acesso a informações, conhecimentos e tecnologias atualizadas que beneficiam a sociedade. Sendo assim, Pires (2002) destaca a relevância da LI como referência na sociedade contemporânea e como elemento de integração entre diferentes povos e culturas:

> incentivar os jovens estudantes, sobretudo de cursos tecnológicos, à aprendizagem da língua inglesa que permite um mais fácil acesso aos inúmeros progressos da ciência e da tecnologia, melhorar as perspectivas de trabalho e participar ativamente numa sociedade também com importância crescente da informação, em que cada vez mais dominará o Inglês (Pires, 2002, p.7).

Fica evidente, portanto, que o domínio desse segundo idioma introduz o indivíduo ao mundo contemporâneo, transformando-o em cidadão global que permite engajar-se além das fronteiras socioculturais locais para acessar outras realidades, enriquecendo, assim, as experiências e a mundividência.

2.1 A comunicação global do inglês na perspectiva da LDB e BNCC

A expansão das mídias e tecnologias contribuiu para a formação do cidadão global, consolidando a LI como língua franca e principal meio de comunicação internacional. Impulsionado pela influência norte-americana, o inglês ultrapassa

fronteiras geográficas e culturais, favorecendo a interação entre diferentes povos, conforme destaca a BNCC (2018):

> O tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, consequentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais (Brasil, 2018, p.242).

Nesse contexto, o ensino de LI nas escolas deve transcender a mera aquisição linguística, constituindo-se como instrumento de comunicação, interação e valorização da diversidade sociocultural. Conforme destacam Filho, Volpato e Gil (2016), os objetivos pedagógicos devem priorizar o desenvolvimento de habilidades comunicativas que possibilitem a interação e a exploração cultural. Em consonância com essa perspectiva, a LDB nº 9.394/1996 estabelece a obrigatoriedade da LI nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, enquanto sua oferta nos anos iniciais permanece facultativa.

Essa lacuna contribui para o descompasso na aprendizagem da LI, sobretudo porque as redes públicas, em geral, não a inserem precocemente em seus currículos, diferentemente das instituições privadas, que tendem a ofertá-la desde a Educação Infantil, considerando seus benefícios cognitivos, neurológicos e culturais. Esse cenário contribui para a ampliação das desigualdades educacionais entre os setores público e privado. Contudo, a escola pública tem ampliado a inserção da LI por meio de diferentes abordagens pedagógicas, buscando reduzir essa defasagem e aproximar-se das orientações da BNCC (2018), que compreende o inglês em sua dimensão formativa, considerando as relações entre língua, território e cultura.

Sob essa ótica, a BNCC (2018) introduz, na área de Linguagens, a necessidade de uma perspectiva linguística renovada. Contudo, embora o documento limite a obrigatoriedade do componente curricular aos anos finais do Ensino Fundamental, ele impulsiona o debate acadêmico e pedagógico sobre a relevância de se pensar o contato linguístico de forma ampliada desde o início do percurso educacional da criança.

Por isso temos que observar práticas exitosas de colégios públicos que demonstram que o uso real do inglês no dia a dia é possível, tendo como viés a língua franca, ao mesclar língua, cultura e instrumentos pedagógicos, a fim de aumentar a discussões sobre esse tópico com outros pesquisadores e professores da área de LI.

ISSN: 2358-8829

3 AS NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM A LÍNGUA INGLESA - A PRÁTICA BILÍNGUE

Embora as diretrizes vigentes estabeleçam a obrigatoriedade do inglês a partir do 6º ano, essa delimitação temporal mostra-se insuficiente para assegurar a aquisição da proficiência no idioma. Diante desse cenário, torna-se imperativo adotar uma nova compreensão da língua, concebendo-a como um elemento constituinte do mundo globalizado, cujo contato deve ser estimulado desde a mais tenra idade. Oliveira (2013) reitera que:

> Na presente era de desenvolvimento tecnológico, novos espaços para a obtenção de informações e de construção de conhecimento foram abertos, novas possibilidades de ampliação e diversificação dos tempos, das oportunidades de interação e dos recursos pedagógicos utilizados no processo de ensino-aprendizagem são cada vez mais frequentes e concretas (Oliveira, 2013, p. 204).

O bilinguismo constitui uma vertente contemporânea do ensino de línguas, embora ainda não possua definição consensual. Butler e Hakuta (2004) compreendem-no como um fenômeno multifacetado. Sob uma perspectiva contemporânea, o ensino bilíngue valoriza a comunicação oral, a compreensão auditiva e a diversidade linguística e cultural, utilizando a língua materna como suporte quando necessário.

Ressalta-se, contudo, que a prática bilíngue não se confunde com uma metodologia bilíngue específica, caracterizada pelo uso predominante da segunda língua como meio de comunicação e aprendizagem. Assim, não devemos confundir a prática bilíngue com o “Metodoliga Bilíngue de Línguas”, na qual a L2 é tida como a principal (e única) via de comunicação e aprendizado em sala de aula, com recursos, métodos e recursos prórpio. Segundo Carvalho (2023, p.12) , a metodoloiga bilíngue:

> trata de uma abordagem surgida a partir da premissa de que o aprendizado da língua está intrinsecamente ligado a vivência cotidiana e intermitente no idioma alvo, como maneira de adaptar-se à realidade a fim de simular um ambiente onde nativos desenvolvem suas atividades rotineiramente. Nesta perspectiva, professores e equipes de apoio devem trabalhar no sentido maximizar o uso da língua estrangeira – doravante L2 - e minimizam o uso da língua materna – doravante L1 -, provocando, assim, uma gama de estímulos sensoriais no aluno, condicionando-o a manter sua comunicação nos limites dos objetivos pedagógicos (Carvalho, 223, p.12).

A partir dessa diferenciação, compreende-se que as práticas bilíngues na escola regular não buscam reproduzir o modelo de escolas internacionais ou de imersão total, mas proporcionar aos estudantes experiências significativas com o inglês, utilizando-o em ações sociais e na construção de conhecimentos interdisciplinares, sem desvalorizar a língua materna. Nessa perspectiva, a integração da LI desde o início da formação educacional torna-se necessária, pois, de acordo com Megale (2021):

> o educando tem a possibilidade de ampliar seu repertório e decidir o que e quais desses novos saberes e representações importam para sua vida. Ao lidar com textos orais e escritos nessa língua adicional e valer-se dela para agir, pode conhecer-se cada vez mais e, desse modo, formar uma visão própria mais atuante e informada acerca dos fatos. Portanto, o aluno se torna capaz de agir mais assertivamente em sua comunidade (Megale, 2021, p.16).

No ensino de LI, coexistem diferentes métodos e abordagens, entre os quais se destacam, segundo Nascimento e Pinho (2025), o método de gramática e tradução, o audiolingual e a abordagem comunicativa (AC). Enquanto os dois primeiros priorizam usos instrumentais da língua e pouco contemplam situações reais de interação, a AC propõe o inglês como ferramenta de comunicação cotidiana, buscando capacitar os alunos a utilizá-lo para além da sala de aula (Nascimento e Pinho, 2025). Nessa perspectiva, o idioma deixa de ser concebido apenas como "língua-alvo" e passa a constituir-se como língua-fonte e principal *input* linguístico.

Nas redes de ensino brasileiras, o bilinguismo é frequentemente difundido por meio do chamado "método bilíngue", que utiliza o inglês como principal ou único meio de comunicação em situações escolares. Contudo, Maher (2007) ressalta que a proficiência bilíngue não é necessariamente equivalente nas duas línguas, podendo variar conforme os contextos de uso, os gêneros discursivos, as experiências e as demandas comunicativas. Assim, o falante mobiliza diferentes recursos linguísticos para interagir socialmente, ainda que não domine integralmente uma das línguas. Segundo Urmeneta (2019, p. 10):

> First and second language acquisition in natural contexts such as encounters of daily life differs from instructed foreign language learning in the classroom in several ways. One important difference is that in natural settings learners focus primarily on meaning, that is, they try to express what they mean and try to comprehend other people's messages using whatever verbal and non-verbal resources they have at hand (Urmeneta, 2019, p.10).

Os Projetos Interdisciplinares constituem uma importante possibilidade de promover práticas bilíngues nas escolas públicas, especialmente em eventos como feiras escolares, que permitem articular o inglês a diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, "projetos, resolução de problemas e discussão [...] devem promover o engajamento, além de enriquecer a oferta de *input* contextual e relevante na L2" (Megale, 2021, p. 40).

3.1 As Feiras Escolares como potencialidade para a promoção da prática bilíngue em LI

A promoção de projetos interdisciplinares possibilita a aplicação prática da LI no cotidiano escolar. Ao abordar diferentes temas em um segundo idioma, o estudante amplia suas possibilidades de interação social e desenvolve uma perspectiva de cidadania global, fortalecendo sua visão crítica de mundo e sua capacidade de acompanhar as transformações sociais decorrentes dos avanços tecnológicos e informacionais.

> O ensino a partir dessa perspectiva pressupõe que concepções de língua, linguagem e aprendizagem sejam examinadas. Temos interesse na linguagem produzida em contextos sociais reais, ou seja, na construção de sentidos dialogicamente tecidos por meio do discurso em contextos social, histórica e culturalmente determinados (Freire, 2018). Essa concepção de língua e linguagem nos direciona a uma visão que tem como foco a compreensão de que a aprendizagem é construída por meio da interação entre os diferentes sujeitos envolvidos em determinado contexto interacional localizado na sociedade e na história (ibidem) (Megale, 2021, p. 20).

Assim, as feiras escolares configuram-se como projetos integradores e interdisciplinares que favorecem a convivência social e o protagonismo estudantil por meio da pesquisa e da realização de atividades. Nesse contexto, a prática bilíngue possibilita integrar a LI aos projetos, estimulando os estudantes a desenvolverem seus trabalhos em português e inglês e a mobilizarem habilidades de leitura, escrita, compreensão auditiva e produção oral na construção do conhecimento.

4 EXEMPLO PRÁTICO DE PROJETO INTEGRADOR BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

A discussão sobre os benefícios e as possibilidades do ensino bilíngue materializa-se em práticas pedagógicas curriculares e extraclasse, como o projeto anual "Feira das

Nações", desenvolvido pelo 2º Colégio da Polícia Militar do Ceará Coronel Hervano Macêdo Júnior (2º CPM-CHMJ), em Juazeiro do Norte-CE. A iniciativa confere protagonismo à Língua Inglesa ao possibilitar que os estudantes a utilizem na apresentação de aspectos culturais de diferentes nações, articulando conhecimento teórico, uso comunicativo e produção oral.

O colégio atende estudantes do Cariri cearense e de municípios do Piauí e de Pernambuco, evidenciando a relevância regional da proficiência em inglês. Nesse contexto, o domínio do idioma constitui importante diferencial para a inserção no mercado de trabalho, especialmente nos setores turístico, industrial e comercial.

Nesse cenário, a Feira das Nações consolida-se como o projeto integrador que materializa a convergência entre a vivência cultural e a língua estrangeira. Sob a coordenação do Núcleo de Línguas, a proposta pedagógica da instituição é executada por meio de ações que envolvem o corpo docente e a comunidade escolar, assegurando, primordialmente, o protagonismo estudantil em todas as etapas do processo.

4.1 A Feira das Nações

O projeto bilíngue "Feira das Nações" surgiu da necessidade de integrar a LI de forma prática às atividades escolares, tendo a interdisciplinaridade como eixo para a utilização do idioma. Ao assumir uma postura ativa, os estudantes articulam os conteúdos à realidade social e desenvolvem a oralidade em situações reais de interação, fortalecendo sua comunicação e desenvoltura linguística.

Realizado anualmente, o projeto envolve as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com exceção dos 3º anos, em razão das atividades voltadas aos vestibulares e às provas militares. Sua organização compreende etapas como elaboração de edital, reuniões entre professores orientadores e preparação das apresentações finais. A cada edição, são sorteados temas gerais, sobre os quais os estudantes desenvolvem apresentações artísticas e científicas em LI, assumindo o protagonismo na construção e socialização dos conhecimentos.

Tabela 1. Cronograma de ações da Feira de Nações do 2º Colégio da Polícia Militar do Ceará

Data	Ação
10/08	Elaboração do edital

12/08	Informações aos alunos
09/09	Reunião com os alunos
15/09	Elaboração dos trabalhos
26/09	Execução da Feira de Nações
27/09	Pontuação e premiação (sábado letivo)

Fonte: Os autores (2026).

A Feira das Nações traz um tema geral e um cardápio de subtemas a serem desenvolvidos pelas turmas. No ano de 2025, o tema foi "*Gastronomy around the world*", que propunha que os alunos criassem em cada sala representações gastronômicas dos países elencados para cada série, como na tabela abaixo:

Tabela 2. Equipes participantes da Feira de Nações

Sala	Nação	Sala	Nação
6 A	Estados Unidos	**9 C/D**	Brasil
6 B	Inglaterra	**1 A/B/C**	Japão
7 A/B	Irlanda	**1 D/E/F**	Argentina
8 A/B	França	**2 A/B/C**	Alemanha
8 C/D	Itália	**2 D/E/F**	Suíça
9 A/B	Espanha		

Fonte: Os autores (2026).

Cada sala ficou com os países indicados na tabela acima, trazendo a culinária para a sala de aula, mostrando que é possível trazer elementos culturais de todas as partes do mundo, em uma perspectiva multicultural e multilateral, evidenciando as possibilidades translinguísticas.

A partir da seleção, os alunos representaram a gastronomia dos respectivos países, com apresentações em língua inglesa e portuguesa, na qual os estudantes explicam as comidas e aspectos culturais em ambas as línguas para os jurados da Feira das Nações, abraçando aqueles que são monolíngues ou bilíngues, mostrando com competência a habilidade deles na oralidade, principalmente na LI.

> Além disso, a oralidade também proporciona o desenvolvimento de uma série de comportamentos e atitudes – como arriscar-se e se fazer compreender, dar voz e vez ao outro, entender e acolher a perspectiva do outro, superar mal-entendidos e lidar com a insegurança, por exemplo. (Brasil, 2018, p.243).

Dessa forma, o evento evidencia a necessidade da oratória em língua estrangeira em um nível superior ao trabalhado pelas escolas regulares. Por adotar a prática bilíngue, a feira confere um protagonismo essencial à produção oral do inglês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo de caso, constata-se que a Feira das Nações representa uma possibilidade concreta de transpor o ensino de LI para além dos limites da sala de aula. Ao situar o protagonismo estudantil em evidência, o projeto rompe com uma visão puramente utilitarista do idioma, promovendo-o como uma vivência integrada ao cotidiano dos discentes.

Embora as diretrizes vigentes estabeleçam a obrigatoriedade do inglês a partir do 6º ano, essa delimitação temporal mostra-se insuficiente para assegurar a aquisição proficiente do idioma. Portanto, torna-se imperativo adotar uma nova compreensão da língua, concebendo-a como um elemento constituinte do mundo globalizado, cujo contato deve ser estimulado desde a infância.

Por ser um fenômeno dinâmico e multifacetado, o estímulo ao bilinguismo e às práticas plurilíngues na escola pública (diferente da imposição de uma metodologia bilíngue institucional de imersão) pode estar presente em todos os momentos das aulas, não sendo um mecanismo restrito e preso. Inclusive, o professor tem a liberdade de usar inúmeras metodologias ao mesmo tempo ao fomentar esse bilinguismo prático, contemplando todas as 4 habilidades de fluência da língua e não só a oralidade em si mesma.

Conclui-se que o inglês pode coexistir harmoniosamente com as diversas práticas pedagógicas da escola pública sob uma perspectiva bilíngue. Nesse modelo, o idioma deixa de ser um componente isolado para ser estudado e vivenciado em sua totalidade, contemplando as quatro habilidades linguísticas essenciais: a leitura (*reading*), a escrita (*writing*), a fala (*speaking*) e a compreensão auditiva (*listening*).

Mais do que uma competência técnica, o conhecimento da LI viabiliza a colaboração interpessoal, a democratização do acesso à informação e a efetiva inclusão dos indivíduos em um cenário global pautado pela tecnologia.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Projetos; Bilinguismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 28 abr. 2026.

BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second Language Acquisition. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. The Handbook of Bilingualism. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

CARVALHO, Daniel Sotero Fortes. As exigências da metodologia bilíngue x as atividades propostas em um livro didático cuja metodologia é dita bilíngue. 2023. 50 f. Monografia (Licenciatura em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2023.

FILHO, Jeová Araújo Rosa; VOLPATO, Mayara; GIL, Gloria. Inglês como língua franca: representações e práticas de alunos e professores de língua inglesa no Brasil. In: Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos. São Paulo: Blucher, 2016. p. 225-244.

MAHER, Terezinha Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). Linguística aplicada: suas faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MARIANI, Bethania. Políticas de colonização linguística. Letras, Santa Maria, n. 27, p. 73-82, 2003.

MEGALE, Antonieta. Educação bilíngue: como fazer. São Paulo: Fundação Santillana, v. 3, 2021.

NASCIMENTO, Valéria Costa et al. O ensino e a aprendizagem de tradução no ensino fundamental II nas escolas públicas e particulares em Juazeiro do Norte – CE. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2025. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/129982. Acesso em: 22 out. 2026.

OLIVEIRA, Haroldo de. Práticas pedagógicas e novas tecnologias no ensino médio. Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, p. 200-215, 2013.

PIRES, Eliane Cristine Raab. A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2002.

URMENETA, Cristina Escobar. An introduction to Content and Language Integrated Learning (CLIL) for teachers and teacher educators. CLIL: Journal of Innovation and Research in Plurilingual and Pluricultural Education, v. 2, n. 1, p. 7-19, 2019.

WARE, C.; DAUTRICOURT, S.; GONNEAUD, J.; CHÉTELAT, G. Does Second Language Learning Promote Neuroplasticity in Aging? A Systematic Review of Cognitive and Neuroimaging Studies. Frontiers in Aging Neuroscience, v. 13, art. 706672, 12 nov. 2021.